

## MORTE E VIDA NAS CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

MUERTE Y VIDA EN LAS CRÓNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ: PRÁCTICAS Y REPRESENTACIONES

LIFE AND DEATH IN RACHEL DE QUEIROZ CHRONICLES: PRACTICES AND REPRESENTATIONS

*Regma Maria Santos\**

**Resumo:** O objetivo deste artigo é, a partir da perspectiva teórica da história cultural e dos conceitos de representação e práticas culturais, refletir sobre o tema da morte nas crônicas de Rachel de Queiroz. Na obra da autora este tema é frequente, mas sempre acompanhado de sua dimensão oposta: a vida. Interessa-nos apresentar as ponderações da autora sobre aspectos como a solidão da morte, a sabedoria em aceita-la, as tentativas de lograr a morte ou usá-la como subterfúgio para bem viver. Pretendemos também conhecer as interpretações da autora sobre os rituais da morte que começam com a preparação do corpo, o cortejo do velório e termina com o enterro no cemitério.

**Palavras-chave:** Morte; representações; crônica; Rachel de Queiroz; rituais.

**Abstract:** The purpose of this article is to discuss, based on the theoretical perspective of cultural history and the concepts of representation and cultural practices, the thematic of death in Rachel de Queiroz chronicles. This is a common theme in the work of the author, but always accompanied by its opposite dimension: life. It is important to point out the considerations of the author on aspects such as the loneliness of death, the wisdom of accepting it, the attempts to circumvent death or use it as subterfuge for a good life. We further intend to know the author's considerations on death rituals beginning with the preparation of the body, the funeral services, and ending with the burial in cemetery.

**Keywords:** Death; representations; chronicle; Rachel de Queiroz; rituals.

### Iniciando o trajeto

e o mundo é assim mesmo: para que vivam uns morrem muitos (QUEIROZ, 1989, p. 135).

Partir sem saber, esquecer que existe a morte, é exatamente o que de melhor pode acontecer! É, aliás, o que constitui a superioridade do animal sobre o homem (ARIES, 1990, p. 342).

A fortuna crítica sobre a obra de Rachel de Queiroz<sup>1</sup> ainda pode ser considerada incipiente e restringir-se basicamente aos seus romances consagrados e aos temas mais evidentes de sua produção, como o aspecto regional, a seca, a fome, a miséria e a condição feminina.

Conforme nos apresenta Laile R. de Abreu (2012) a produção de Rachel de Queiroz para o jornal é intensa e a parceria da autora com a revista "O Cruzeiro" perdurou de 1945 a 1975, no entanto, as crônicas "compunham um gênero que não era bem explorado pela crítica, por ser considerado um gênero menor, 'ao rés-do-chão'" (ABREU, 2012, p. 51).

Neste artigo nossa intenção é apresentar a importância da crônica e as múltiplas temáticas ali ainda não exploradas, como a questão da morte.

É fato incontestável que analisar o fenômeno da morte requer uma postura interdisciplinar que leve em conta os seus aspectos históricos, sociais, antropológicos, biológicos, psicológicos, e, porque não, também ficcionais. Mas, conforme Cabral (1984) é na historiografia que se renova o ímpeto pelo interesse do estudo da morte nas Ciências Sociais. O autor observa que:

Este interesse renovado responde igualmente a um movimento de críticas das práticas mortuárias estabelecidas muito particularmente nos Estados Unidos e na França. Mas foram sobretudo as obras que Philippe Ariès e também Michel Vovelle dedicaram ao tema que funcionaram como catalisadores deste novo interesse, tanto na histórica como nas outras ciências sociais (CABRAL, 1984, p. 351-352).

Na esteira desta preocupação historiográfica que valorizava a perspectiva das mentalidades, integra-se atualmente a chamada história cultural. Partiremos das considerações do historiador Roger Chartier (1990) para analisar essa tensão entre vida e morte presente nas crônicas de Queiroz. Esse autor considera que a história cultural tem por objetivo identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma realidade social é construída e pensada e como se pode interpretá-la por meio de sua produção cultural.

Consideramos as crônicas de Rachel de Queiroz como produção cultural que transita, por meio da crônica, na fronteira entre literatura e jornalismo.

Na crônica "Os temas eternos" (04/07/1975), Rachel de Queiroz questiona porque os jornalistas têm dificuldade de tratar os temas eternos, como o amor e a morte, preferindo falar da carestia, das dificuldades da vida urbana, dos dramas do cotidiano.

Aprendemos com a literata que a crônica não é apenas o relato do breve, do passageiro, mas também o espaço da criação e da inventividade para abordar quaisquer temas, sejam eles eternos ou não.

Para tratar, então, desse tema eterno que é a morte, elegemos as crônicas de Rachel de Queiroz do livro "Cem crônicas escolhidas", no qual a temática da morte é frequente, mas sempre acompanhado de sua dimensão oposta e complementar: a vida.

Compreendemos que, para a autora, a morte é uma prática da vida que se efetiva na sua expectativa diante da doença, do abandono, do assassinato e do suicídio; nos rituais dos velórios e dos enterros; e no lugar comumente chamado de última morada do homem: o cemitério. Propomos, então, analisar essas crônicas compreendendo os múltiplos sentidos da morte nos relatos da autora brasileira.

A perspectiva apontada pela cronista aproxima-se bastante das reflexões de Chevalier e Gheerbrant:

Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova. Nesse sentido ela tem um valor psicológico: ela desmaterializa e libera das forças negativas e regressivas, ela desmaterializa e libera forças de ascensão do espírito. [...] Os místicos, de acordo com os médicos e psicólogos, notaram que em todo ser humano, em todos os seus níveis de existência coexistem a morte e a vida, isto é, uma tensão entre duas forças contrárias (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p. 621).

Nosso objetivo é então compreender a crônica como produção cultural por meio da qual é possível ler a realidade social nela indicada como construção discursiva, como representação social que trata de diferentes práticas culturais. Nesse sentido, enfocaremos as reflexões que a autora desenvolve sobre a relação entre vida e morte, e as práticas explícitas nos rituais de preparo do corpo do morto, nos modos de morrer, por suicídio ou assassinato, no enterro, até no sepultamento do corpo no cemitério.

### **Reflexões sobre a vida e a morte**

Em diversas de suas crônicas Rachel de Queiroz reflete sobre a relação entre a vida e a morte, na crônica “Pensamentos de vida e de vivo”, Queiroz critica quem demonstra piedade por quem morre. Ela sugere haver aí uma condição de superioridade, mas questiona: “onde está tua vantagem? Por que razão ter pena de quem talvez foi mais feliz que tu? O teu instinto é te considerares imortal e invulnerável” (QUEIROZ, 1989, p. 74).

A autora complementa suas considerações dizendo que o mal que pode consumir o vivo já está nele instalado enquanto se compadece do outro. E pondera: “Ora, deixe em paz o morto”. Refletindo sobre a dicotomia vida e morte, define: “A vida é como um gás volátil, tem tendência a se expandir e sumir-se; não importa a robustez do vaso, sempre dá jeito de encontrar uma fissura por onde fugir” (QUEIROZ, 1989, p. 74). Por fim, sentencia:

O mal é se traçar essa barreira de pavor entre mortos e vivos, como se a separação efetiva houvesse realmente entre vida e morte. Quando afinal o morto é apenas o

vivo que concluiu o trabalho de viver, o vivo acabado de aprontar para a morte. Que a última demão é justamente aquilo: a imobilidade e o silêncio. E então a vida se conclui (QUEIROZ, 1989, p. 75).

A morte é a conclusão da vida, faz parte dela como um gesto derradeiro, sempre à espreita, e por isso, muitas vezes é surpreendente como narra a autora na crônica "*Beau-geste*"; na qual se lembra de um irmão colaço, ou seja, amamentado no mesmo peito. Chamava-se Horácio e não parecia fadado a morrer tão cedo. A escritora descreve, com carinho, as reminiscências do "irmão". E, em seguida, comenta a carta que recebeu com a notícia: "Morreu de tuberculose galopante, como merecem morrer os poetas: bonito e sem sofrer muito" (QUEIROZ, 1989, p. 4). Segundo a cronista ficamos sabendo que duas horas antes de morrer Horácio pediu para dar um passeio de automóvel para se despedir do mundo e foi ali que morreu. Por fim, comenta: "Horácio, diziam os mais velhos que não sabias viver; mas bem soubeste morrer. Tomara eu poder fazer o mesmo quando chegar minha hora, e acabar como acabaste. Adeus, meu irmão" (QUEIROZ, 1989, p. 5).

Refletir sobre a morte do outro, é também refletir sobre a sua e a autora insere em sua fala, seu desejo de saber morrer quando chegar a hora. Este dado revela o racionalismo de Rachel de Queiroz até mesmo diante da morte.

Conforme Bellato e Carvalho:

Nossa incapacidade de dar àqueles que morrem a ajuda e afeição de quem mais que nunca precisa, quando se despedem dos outros seres humanos, se dá exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte (BELLATO; CARVALHO, 2005, p. 100).

Outra dimensão da morte é seu aspecto individual e único, como relata na crônica "*O solitário*", a história de José Alexandre, também conhecido como "o solitário do Junco". Considerado inimigo do mundo e dos homens, afundou-se no cerrado da caatinga, vivendo como um 'lobo solitário'. Conforme a autora, diziam que ele vivia nu, criava gambá e onça. Se sentisse a aproximação de alguém se embrenhava no mato. O contato que mantinha com os homens era feito como o guarda-chaves da estação, chamado Mané Ramos, para trocar sal, fumo e rapadura por feijão e milho, que cultivava.

Assim como a vida, sua morte foi cercada de mistério e só constatada quando, conforme a autora, "levantou urubu no cerrado". O pai de Rachel mandou ver do que se tratava e só encontraram "uns farrapos da tanga, o chapéu velho e uns ossos limpos, espalhados por toda parte" (QUEIROZ, 1989, p. 7). Nesta crônica podemos depreender que conforme Bellato e Carvalho:

A morte sempre suscitou emoções que se socializaram em práticas fúnebres e o não-abandono dos mortos implica uma crença na sua sobrevivência, não existindo prática de qualquer grupo, por muito 'primitivo' que seja, que abandone os seus mortos ou que os abandone sem ritos (BELLATO; CARVALHO, 2005, p. 100).

Diante disso compreendemos o espanto e a necessidade da autora de talvez realizar uma espécie de rito pelas palavras, inserindo assim, este solitário no grupo social, ou na comunidade, ao qual o mesmo recusou-se a pertencer em vida.

É interessante também destacar o uso da morte para lograr os vivos, torna-los complacentes, caridosos, diante da vulnerabilidade de quem pode vir a perder um ente querido.

Na crônica "Um caso obscuro", de setembro de 1946, a cronista narra a história da empregada de uma professora que passou a sonhar com a mãe morta, "estirada num caixão, metida numa mortalha preta" (QUEIROZ, 1989, p. 23). No mesmo dia apareceu na casa da professora um filho homem da empregada com uma carta da cidade onde residia a mãe da empregada, informando que sua mãe estava às portas da morte.

A professora ficou impressionada com a chegada da carta, justamente após as visões noturnas da empregada. Imediatamente a liberou para que pudesse viajar e despedir-se da mãe. A empregada, de nome Joana, despediu-se da patroa dizendo que sequer esperaria a semana do nojo, viria logo depois do enterro, e assim falando rompeu em prantos.

Passados oito dias, retornou Joana com roupa estampada, ao invés de preta, contando que a mãe ainda estava viva e passava bem. A professora, ao contar o caso a algumas pessoas, ficou sabendo que o filho de Joana, que levava a carta e trabalhava como jardineiro de uma amiga, tinha ficado uma semana desaparecido.

Ao voltar, resolvera contar à patroa a verdadeira história:

minha mãe meteu a idéia de ir em casa, com vontade de rezar umas ladainhas que rezam lá, no mês de agosto. Como estava num emprego bom, teve medo que a dona da casa se zangasse com uma viagem assim à toa e não guardasse o lugar dela (QUEIROZ, 1989, p. 25).

Para o plano funcionar, portanto, a mãe disse que começou a ter sonhos com a avó e passou a enfiar fumaça nos olhos para chorar. O filho pediu a um amigo para escrever a carta e lá se foram eles, voltando em seguida para sua obrigação. A patroa, assustada com a história, perguntou:

- Mas criatura, como é que sua mãe teve coragem de chamar assim a morte para cima de sua avó? Vocês não tiveram medo do agouro?

- Qual, dona! Uma velha daquelas, cega, doente, em cima duma cama, dando trabalho e consumição a todo mundo, chamar a morte para ela não é agouro; chamar a morte para ela é mais uma obra de caridade. E daí, agouro que fosse, vê-se bem que não pegou (QUEIROZ, 1985, p. 25).

O aspecto cômico da crônica evidencia como a autora usa do bom humor para refletir sobre os mais diversos aspectos que acompanham a possibilidade da morte. No caso narrado acima, a morte é uma sugestão bem vinda, uma obra de caridade.

Compreendemos então que Rachel de Queiroz reflete sobre os aspectos relevantes sobre a morte ao abordar a relação com a vida como algo natural, ao destacar dimensões como os sentimentos que a morte desperta nos vivos, desde a sensação de perda, até o sentimento de finitude para os que aqui permanecem.

### **Os rituais da morte: a preparação do corpo**

Os rituais podem ser sempre relacionados à ideia de ‘passagem’ para outro estágio. Eles podem ser vistos ainda, conforme Bellato e Carvalho, como “metáfora de prolongamento da vida” (2005, p. 100). Rachel de Queiroz ao relatar estes rituais, por um lado os questiona, por outro, os aceita, com naturalidade.

Na crônica “O homem nasce nu”, de fevereiro de 1947, Rachel de Queiroz faz uma interessante reflexão sobre o nascimento e a morte. Relacionando a inocência com a nudez, a autora objeta que se o homem nasce nu e só se veste por perder a inocência, assim deveria sê-lo também na morte. Mas, por horror a esta, os homens tentam fantasiá-la. Sentencia a cronista: “Enquanto não se desmancha o defunto ainda é um homem, sujeito às ridículas etiquetas dos homens [...]” (1989, p. 36) A seguir a autora passa a descrever a cena que viu ao apromptarem uma velha para o enterro:

Sentaram-na despida na cama, enxugaram-na, pentearam-lhe o cabelo comprido, ralo e branco e lhe fizeram um coque e até lhe alisaram faceiramente os bandós, segundo ela os usava quando ainda era gente. Depois lhe passaram uma camisa limpa, aberta de rendas no peito – sim, rendas – e sobre a camisa enfiaram a mortalha, que era um hábito de freira, com um grosso cordão atado à cintura. Calçaram-lhe meias, esticaram-nas com cuidado nas pernas e até lhe puseram ligas – para que, não sei. E lhe enfiaram uns sapatos de cetim preto, os sapatos de gala da velha, que fechavam com um pequeno botão de cristal, ao lado (QUEIROZ, 1989, p. 37).

Após essa rica descrição, a autora começa a questionar para que se precisaria de roupas quentes de lã, meia e outros acessórios. Para que

sapatos, se ela não poderia mais andar? A resposta que a cronista encontra é que “só se faz esse atentado contra os mortos como um desesperado e último recurso de combate à morte”. Outro artifício é usar a metáfora do sono para a morte, mas Queiroz acredita que não há nada mais diferente, “porque o sono é vida, é presença e a morte é decomposição, dissolução, ausência” (QUEIROZ, 1989, p. 37).

Além dos recursos de linguagem, a autora também cita as tentativas de negar a morte nas práticas de embalsamar os corpos, inventar sarcófagos herméticos para guardá-los como joias, construir mausoléus de mármore ou de concreto, e sobre tudo isso ainda jogar flores. Nesse ato a autora vê sentido, já que as flores, assim como os homens, também se decompõem, se desintegram.

Suas reflexões seguem certos princípios racionalistas, negando esse ritual, no entanto, como veremos a seguir, em outras situações há uma espécie de pena e compaixão neste ato.

Na crônica “Enterro de anjo” a cronista narra a preparação para enterrar um bebê. Assim que o menino faleceu, chamaram a moça que sabia preparar os anjos:

ela veio, lavou-o com sabonete especial, perfumou-lhe todo o corpinho rijo na água-de-cheiro. Calçou-lhe os pés com sapatinhos de lã cor-de-rosa, atados com laços de cetim. Vestiu-lhe uma camisa de seda, comprida que ia até os pés. Pentou-lhe o cabelinho em pequenos cachos, saindo em auréola da touca de renda e fita que ele nunca chegara a usar. Deu-lhe um ar de *rouge* nas faces, avivou os lábios com batom. E assim o puseram no caixãozinho branco, todo rodeado de flores, com uma rosa branca entre os dedos cruzados (QUEIROZ, 1989, p. 48).

A crítica à preparação do corpo para o enterro é aqui amenizada e vista de forma complacente e sutil, já que se trata da morte de um bebê, ou de um anjo, como dizem os interioranos.

### **Modos de morrer, modos de viver: o suicídio e o assassinato**

Dentre as práticas da morte Rachel de Queiroz descreve, em suas crônicas, aquelas que contrariam a natureza por provocação intencional.

Na crônica “Uma carta”, de fevereiro de 1947, a autora descreve a carta de uma jovem de 25 anos que diz saber que vai morrer. A autora utiliza o espaço da crônica para dizer à jovem que “a medida da vida e da morte nunca está na nossa mão” (QUEIROZ, 1989, p. 39). Num tom comovido e maternal, a cronista tenta dissuadir a missivista do suicídio:

Desculpe, Aspásia, estou tentando lhe falar com o coração nas mãos, mas a verdade é que não sei consolar

nem dar conselhos. Sempre achei que a vida põe uma responsabilidade enorme nos nossos ombros, mormente nos ombros dos moços. Por que terá você a obrigação de saber morrer, aos vinte e cinco anos, quando saber morrer é tarefa de velhos? (QUEIROZ, 1989, p. 40).

Mas, apesar de dizer não ser capaz de dar conselhos, a autora tenta:

Esqueça-se de si o mais que puder – sincera, humildemente. Olhe os outros com olhos desprevenidos, olhe o mundo, olhe as coisas [...] Ninguém tem compensações, nem ninguém vive por compensações. Vive-se porque se nasce, vive-se para morrer. Não reclame nada da vida, porque a vida não é uma promessa (QUEIROZ, 1989, p. 40).

Sandra J. Pesavento, em um artigo sobre o suicídio, faz uma interessante observação sobre o fato de o suicida publicizar seu drama escrevendo cartas e bilhetes. Pesavento comenta:

A escrita do suicida carrega, pois, consigo, esta dupla ambigüidade, entre corte e permanência no tempo, entre os mais profundos recantos da alma e a socialização do drama com o mundo do leitor, tornando o privado público. Cartas ou bilhetes de suicidas são registros das sensibilidades, dessa aventura da individualidade que representa uma forma de apreensão e conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas (PESAVENTO, 2006, p. 83).

Rachel de Queiroz, em sua resposta, destaca, justamente, esse aspecto racional diante da vida. Não se trata de um simples conselho, mas de uma atitude de consciência do que é a vida em sua aspereza, na falta de compensações e na atitude de resignação diante disso.

Assim como trata do suicídio, ou ao menos das intenções suicidas, observamos também na crônica “O caso da menina do Canindé” a autora relatar uma tentativa de assassinato. Nos dois casos percebemos como contraposição a perspectiva racional e lógica de programar a morte e o que o acaso reserva aos seus sujeitos.

Na crônica citada, Queiroz narra um caso acontecido na seca de 1915, justificando que nessas situações extremas quem nunca fez mal na vida transforma-se em besta-fera, já que a miséria é má conselheira.

Conta a história que na estrada que vai para o Canindé moravam um homem viúvo e sua filha de 12 anos. Com o castigo da seca, o homem começou a vender seus bens para sustentar a filha. Num dia teve de viajar a

cidade para encerrar uns negócios e combinou com a filha que ela dormiria na casa dos vizinhos.

A mocinha não percebeu o cair da tarde e resolveu ficar ali mesmo, dormir sozinha e esperar pelo pai na manhã seguinte. Mas, no meio da noite, acordou com um barulho e viu, no meio da sala, o vizinho que viera lhe roubar. O ladrão, reconhecido pela moça, disse então que se a menina tivesse agido conforme o combinado e dormido na casa dele, nada teria acontecido a ela, mas como foi reconhecido teria de matá-la. Sendo vizinho e amigo, deixou que ela escolhesse a morte por golpe de faca ou enforcamento. A menina preferiu o enforcamento, para não ver o seu próprio sangue. A cronista assim descreve a cena:

Trabalhava devagar, com capricho [...]. Feito o laço, achou-o pequeno e pensou que não abarcaria ali a cabeça da menina; tratou de o experimentar na própria cabeça, mas ao fazê-lo não sei que jeito deu no corpo, o banco perdeu o equilíbrio, fugiu-lhe debaixo dos pés, o laço correu, apertou-lhe o pescoço, e o desgraçado ficou balançando no ar, enforcado na forca que preparara para a inocente (QUEIROZ, 1989, p. 45).

A menina presa à rede e apavorada assim permaneceu, até que caiu num sono profundo, e assim estava quando o pai a encontrou. Surpresas da vida, que foi garantida à menina, surpresa da morte, que ceifou o próprio carrasco.

### **O ritual do enterro e do sepultamento: “nós que aqui estamos por vós esperamos”**

Dentre as práticas rituais da morte, o enterro e o sepultamento parecem ser o seu desfecho, os atos finais, e Queiroz também os cita em suas crônicas. No texto “Morreu irmã Simas”, a autora descreve o enterro como um dos mais bonitos que houve na cidade: “o caixão carregado a mão pelos antigos alunos e, no enorme acompanhamento, todo mundo soluçando de saudade” (QUEIROZ, 1989, p. 161).

Ariès observa que este caráter ritual nem sempre expressa a saudade, o dilaceramento de uma separação, mas transforma-se algumas vezes em mera obrigatoriedade (ARIES, 1990, p. 356), o que não parece ser o que ocorrer com relação a irmã Simas, por sua importância social como educadora, pela relação de mentora que mantinha com muitos da cidade, assim como com Rachel de Queiroz, que lhe dedicou uma crônica lírica e afetuosa já que não pode estar em seu enterro.

Sobre o enterro de um bebê, a autora descreve:

O enterro saiu a pé, debaixo do sol alegre, o caixãozinho branco e dourado parecia um embrulho grande, um presente de Natal. Os acompanhantes andavam ligeiros,

como ligeiras andavam as carregadoras, mal sentindo o peso do fardo leve. Ninguém pensara em preto, ninguém pensara em luto. Não havia velas, nem outra coisa que recordasse defunto. [...] Só a mãe chorava um pouco [...] porque é pecado chorar por anjos (QUEIROZ, 1989, p. 49).

Percebemos a distinção nos dois enterros. No primeiro, a manifestação de amor e sofrimento pela morte da professora, no segundo, o contido ritual do enterro de um bebê.

Rachel de Queiroz trata também da última morada do homem: o cemitério. Na crônica “Cemitério de família”, assim o descreve:

É só um quadrado de muro branco e a capela no meio; o portão de madeira rangedor nos gonzos velhíssimos. Nem catacumbas engavetadas, nem anjos de mármore, nem grades de bronze, nem placas de granito preto. Quase o simples chão natural com a saliência das covas e, espalhadas irregularmente, as cruzes de madeira, na maioria anônimas, ou riscadas rudemente com tinta branca com os nn e os zz às avessas. De raro em raro uma pedra com um nome e duas datas (QUEIROZ, 1989, p. 75).

Nesse local, a autora localiza antigos parentes enterrados, como sua tia Julieta, que morreu jovem e deixou dois órfãos. O avô e a avó, tios, tias e primos ali também repousam. Num outro trecho do cemitério, “dormem os parentes mais humildes, os moradores, os compadres e os afilhados. Dormem sem luxos, sem caixão nem alvenaria, atirados diretamente da rede onde vieram no seio da terra nossa mãe” (QUEIROZ, 1989, p. 75).

As suas considerações remetem-nos à percepção de que as diferenças sociais e de classe também estão presentes ali, mesmo tratando-se de um cemitério de família.

Mas ainda assim outras diferenças são expostas para além do parentesco. Ela compara este cemitério a outros nos quais, o bronze, o mármore, as catacumbas revelam a riqueza e o poder dos que agora o habitam.

Na crônica “Dona Ana Triste”, Rachel diz ter encontrado, em visita a um cemitério, o túmulo dessa senhora, e transcreve o seu epitáfio: “Aqui jaz Ana Triste de Araripe. Viúva de Tristão de Alencar Araripe. Presidente do Ceará na Confederação do Equador em 1824. Nasceu em 1789 e morreu em 1874” (QUEIROZ, 1989, p. 83).

A autora narra a história dessa personagem que sofreu perseguições pela atividade política do marido e sequer pôde se vestir de preto e chorar sua morte. Quando, enfim, pôde expressar o luto pelo marido, jamais colocou outra roupa que não fosse preta. Segundo a cronista: “Morreu velhinha, aos oitenta e cinco anos de idade. E essa longevidade prova que lágrimas não matam; não matam, mas mumificam” (QUEIROZ, 1989, p. 85). A lápide do

cemitério permitiu a autora rememorar a história de Dona Ana e exercitar o ‘dever de memória’ de recontar a sua história.

Ao narrar a trajetória de todos esses personagens em suas crônicas acreditamos que a autora também exerce esse dever de memória, de falar sobre a morte e os mortos, como sinal de deferência, respeito pelos que se foram, muitas vezes sem que alguém por eles fizesse uma oração.

### **Encerrando o trajeto**

Ao falar do ritual do seu próprio enterro, a cronista faz suas solicitações:

Quanto a mim, já roguei a quem me ama, e torno a pedir solenemente agora: não me manejem o mísero cadáver, nem lavem irrisoriamente aquilo que já é sujo e podridão, nem o enfeitem, nem o vistam. Por recato, apenas, por amor aos olhos dos outros, consinto que o enrolem em um lençol da cama onde se finou, ou na rede – e assim enrolado e sordidamente, fezes da vida que é, sem caixão, sem carro, sem acompanhamento, sem túmulo de cimento que o isole da terra, à terra o entreguem. (QUEIROZ, 1989, p. 38).

Rachel de Queiroz morreu aos 93 anos de idade, em 2003, na cidade do Rio de Janeiro, vítima de um infarto do miocárdio enquanto dormia. Não conseguimos obter detalhes sobre a preparação do seu corpo para o enterro. Ela foi enterrada no Cemitério São João Batista em Botafogo. Consta também que a escritora foi velada em uma rede, como boa nordestina que era.

Sabemos que, no entanto, seu pedido de simplicidade ritual não foi atendido, durante o seu enterro autoridades políticas, intelectuais, culturais de todo país lhe renderam homenagens. É que a morte não dá direitos aos mortos. Nesse momento, o outro toma seu lugar, decide por ele, o que revela a final impotência do homem diante dos outros de sua mesma espécie.

Neste trajeto aprendemos que a morte tem suas várias facetas e que a escritora constrói instigantes reflexões sobre o processo, inclusive, falando de si mesma e deixando-nos pistas para compreensão de suas interpretações e da construção de seus pontos de vista.

### **Notas**

\* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Pós-Doutora pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Docente da Universidade Federal de Goiás, Campus de Catalão (UFG/Catalão). E-mail: regma.santos@gmail.com

<sup>1</sup> A escritora Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza/CE, em 1910. Viveu entre Ceará, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Tendo atuado politicamente no PCB (Partido Comunista Brasileiro), foi presa diversas vezes. Com o Estado Novo, seus livros, junto aos de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos foram queimados, acusados

de serem subversivos. Com o assassinato de Trotsky por Stalin, a autora afastou-se da esquerda. Apoiou, como diversos intelectuais, o golpe de 1964, aparentemente tomando atitude contraditória à sua trajetória de esquerda, dando apoio à deposição de João Goulart, a quem acusava de continuísmo da política de Vargas. Considerava-se, por fim, uma anarquista. Foi a primeira mulher a ser eleita pela Academia Brasileira de Letras, em 1977. Rachel de Queiroz faleceu em novembro de 2003.

## Referências

- ABREU, Laile Ribeiro de. O texto queiroziano e seu percurso crítico. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 18, p. 51-60, 2012.
- ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. v. 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BELLATO, Rosenev e CARVALHO, Emília Campos de. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 99-104, jan./fev. 2005. Disponível em: [www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae). Acesso em: 8 set. 2015.
- CABRAL, João de Pina. A morte na antropologia social. **Análise Social**, Lisboa, v. 20, n. 81-82, p. 349-356, 1984. Disponível em: [http://pina-cabral.org/PDFs/095\\_A\\_morte\\_na\\_antropologia\\_social.pdf](http://pina-cabral.org/PDFs/095_A_morte_na_antropologia_social.pdf). Acesso em: 10 set. 2015.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 7 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- GRABOIS, Ana Paula. **Veja a repercussão da morte da escritora Rachel de Queiroz**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38520.shtml>. Acesso em: 3 ago. 2010.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. A batuta da morte a orquestrar a vida. **Interface**, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 853-62, out./dez. 2008.
- O ADEUS A RACHEL DE QUEIROZ**. Disponível em: <http://www.casadobruxo.com.br/poesia/r/rachel08.htm>. Acesso em: 3 ago. 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Morrer de amor: o suicídio – da escrita do eu ao romance urbano". In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M. P.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). **História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 83-96.
- QUEIROZ, Raquel de. **Obra Reunida**. Cem crônicas Escolhidas e O caçador de Tatu. v. 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Recebido em: julho de 2014.

Aprovado em: janeiro de 2015.